

# Os filhos de Gaia e o Paraíso Edípico

Priscila Aparecida Corcovia<sup>1</sup>

Glória Radino<sup>2</sup>

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis

**Resumo:** Através dos mitos gregos de Gaia e Réia, e tendo como exemplo prático um caso clínico, buscamos nesse artigo investigar essa relação mãe-filho específica em que o filho sendo toda a vida de sua mãe, se torna TODO A VIDA de sua mãe. Ele sequer nasce como sujeito. Seduzido, eleito pela mãe como razão única de seu viver, é ele quem deixa de possuir vida. Essa relação inevitavelmente deixa marcas na vida de ambos, e suas conseqüências chegam muitas vezes às clínicas de Psicologia travestidas em demandas de mães inseguras que buscam (super)proteger seus filhos na psicoterapia, oprimidas pela pressão - interna e externa a ela- para serem mães perfeitas e mulheres “completas”.

**Palavras-chaves:** Psicanálise; Complexo de Édipo; Mitologia; Sedução.

## *Introdução*

Fada ou bruxa; Virgem Maria ou Maria Madalena; mãe pura e sublime ou prostituta corrompida e pecadora. As representações culturais da mulher são maniqueístas e extremadas. Pura castidade ou puro pecado, o feminino é sinônimo de mistério, fecundidade, emoção, descontrole e caos. Representa, portanto, aquilo que não tem lugar em nossa sociedade que preza o racional, o lógico e o calculado. Não tem espaço na Moral, na Religião e na Ciência.

O feminino é desprovido de valor e a mulher não encontra lugar para si. Tem que se desfazer dos atributos culturalmente tidos como femininos na tentativa de ser respeitada. Salvo na condição de mãe: a maternidade é o sublime do feminino, é o papel respeitado e desejado para a mulher, como algo natural e divino. Mas, esse papel exaltado no discurso, na prática é rejeitado do social para ser, então, onipresente no espaço privado das relações familiares.

Daí a relação do filho com a mãe ser tão intrigante e complexa: personagens principais na vida da criança, a mulher e sua feminilidade vêm a ser depois rejeitadas no

---

<sup>1</sup> Psicóloga, formada pela Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis.

<sup>2</sup> Mestre em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicanálise. Atuando principalmente nos seguintes temas: Psicanálise e Educação, bruxa, literatura infantil.

campo social, em que transita essa mesma criança. Talvez por isso essa figura seja tão idealizada nas representações culturais: é preciso restituir sua identidade e seu valor, mesmo sob peso de muito ressentimento. Como consequência, criou-se uma aura de santidade para a mãe e variadas representações que tentam dar conta dos mais obscuros sentimentos com relação a ela.

Comumente, as mulheres relatam experimentar uma sensação de completude com a maternidade, mas o que as faz precisar de algo que as complete?

O que falta, afinal à mulher?

### ***O alicerce infantil da identidade sexual***

É preciso entender a própria construção da identidade feminina e como a mulher se constitui com relação a sua sexualidade, no encontro de signos que vão defini-la como mulher. Em outras palavras, como ela descobre, à luz da cultura, o que ela é e o que não pode ser.

Freud aponta como as relações familiares são pequenas *usinas* das relações sociais. É na relação com os pais que se situa de forma mais clara a construção da identidade da criança, e é ali também que podemos encontrar o início desse vazio de identidade sexual da menina.

De um ponto de vista psicanalítico, é a partir das relações objetais instauradas no complexo de Édipo que a construção da identidade sexual se dá majoritariamente.

Freud considerou os acontecimentos desta fase da vida como de fato cruciais (...) (ele) cedo descobriu que, nas mentes inconscientes de seus pacientes neuróticos, se manifestavam, metodicamente, fantasias de incesto com o genitor do sexo oposto e à raiva homicida contra o genitor do mesmo sexo (Brenner, 1975, p.118-119).

Porém, “no começo do período edípiano a criança, menino ou menina, habitualmente mantém com a mãe sua relação de objeto mais forte” (*Ibid.*, p.120). É só mais tarde que a menina se voltará para o pai, enquanto o menino continuará sua relação de desejo com a mãe. Dessa forma, para entrar no período edípiano propriamente dito, a menina precisará abandonar seu desejo pela mãe, ao passo que o menino deverá passar pelo mesmo processo para sair desse período. Essa diferença se tornará bastante importante para ambos, e vai gerar, mais tarde, formas diferentes de lidar com o sexo oposto e com a própria identidade sexual.

## ***De meninas órfãs e meninos da mamãe***

### ***Meninas órfãs***

*“Meu corpo não é meu corpo,  
é ilusão de outro ser.”*

*Carlos Drummond de Andrade*

Considera-se que o primeiro objeto de amor da criança seja a figura materna. Tanto o menino quanto a menina precisam de sua mãe, fonte de satisfação física e afetiva. Mas a mãe, por outro lado, não os deseja da mesma forma: enquanto o menino é desejado por ser do sexo oposto, a menina o é somente como criança, não como corpo, objeto sexualizado. Isso porque “um objeto sexual real só pode ser do sexo oposto” (Grumberger, apud Olivier, 1986, p.51), pois “só no sexo do homem a mulher encontra complementaridade” (*Op. Cit.*). Ainda que possamos considerar que essa também é uma idéia construída culturalmente, e de fato é, o impacto que ela provoca na vida da mulher não é menos importante do que se pudéssemos considerá-la *natural*.

Portanto, enquanto a menino tem na mãe um objeto sexual satisfatório - e a mãe nele - a menina não o tem de forma alguma, e precisará buscar num terceiro- o pai - o desejo que a mãe foi incapaz de lhe oferecer e despertar. Olivier (1986) considera que não se conhecem mulheres que tenham tido, como primeiro objeto de amor, o pai. Conhecemos mulheres que vivem com a mãe uma relação sem desejo e que, tardiamente, voltam-se para o pai. Assim, “objeto não-ediipiano para a mãe, a menina vai se sentir *insatisfatória*, primeira conseqüência do não desejo de sua mãe. A menina, depois a mulher, nunca está satisfeita com o que tem, com o que é, visa sempre um corpo que não é o seu...” (*Ibid.*, p. 57), isso porque seu *corpo* não foi desejado, seu sexo foi rejeitado pela mãe e seu pai não estava por perto para assegurá-la de seu valor. Seu gozo clitoriano foi barrado e sua identidade sexual esvaziada. “Ela deve calar o que ela é - uma menina clitoriana - e acreditar no que NÃO É - uma mulher vaginal” (*Ibid.*, p. 58). A mulher deve esperar por uma sexualidade que ainda está *por vir*, portanto não está nesse seu corpo, esvaziado dos signos do desejo pelo olhar indiferente do outro.

Se esses signos não estão *nela*, logo aprenderá a encontrá-los na outra mulher, a imitá-los e a usá-los para chamar a atenção das pessoas para sua feminilidade mascarada e agradar aquele que lhe foi imposto como objeto de seu desejo: o pai. A menina entra num “doloroso dilema onde a IDENTIFICAÇÃO (ser-como) suplanta a IDENTIDADE (ser para si) e onde o FAZER DE CONTA toma lugar do AUTÊNTICO” (*Ibid.*, p.59).

É nessa medida que se pode dizer, como Lacan (apud OLIVIER, 1986, p.6), que a “mulher não existe”. Esse aforismo vem denunciar uma situação inerente a essa construção cultural do feminino: o vazio, a falta de referência intrínseca a ela mesma. É preciso buscar fora da mulher ou da menina, os signos da feminilidade: maquiagem, moda, gestos, tom de voz, delicadeza ou outros atributos são *colados* à menina desde cedo, a fim de que ela própria possa se identificar como mulher e atrair o desejo (do outro). Porém, “... uma identificação própria ao feminino não é absolutamente assegurada dessa maneira. Por serem universais e não terem ancoramento no particular, esses sinais vêm no lugar de uma ausência de traços de identificação. Recobrem a presença de um vazio que exige sua causa e, sob suas máscaras, nada é identificado. Tais índices do feminino são o da vacuidade” (Pommier, 1987, p.33).

Não à toa, em várias culturas a concha é um símbolo sagrado ligado ao feminino (Eliade, 1996, p.1123-149). O que é a concha, senão o ornamento do vazio, do vácuo? Mas esse vazio não é de forma alguma natural. Ele é criado pela cultura nas relações sociais e pessoais com a mulher e o feminino.

É assim que a mulher apreende sua feminilidade pelo olhar do homem e esta torna-se problemática (Pommier, 1987, p. 35). Não conhecendo os segredos da própria sexualidade, é o outro que vai lhe ditar os signos do feminino. Portanto, a mulher precisará de um outro – um homem – que lhe deseje e lhe imprima uma identidade sexual. Uma vez que lhe faltou a paternagem na infância, ela buscará muitas vezes de forma canhestra, num parceiro. Este por sua vez, preso em sua relação com a mãe, tenderá a fugir dessa mulher – representante da figura materna, por motivos que ficarão mais claros adiante. Resta-lhe uma alternativa, da qual ela não vai abrir mão: o filho, o menino que será *só dela*, somente do *seu* desejo.

### ***Meninos da mamãe***

*“O acaso nem é pai, isso que importa?  
O filho, obra materna,  
é sua criação, de mais ninguém.”*

*Carlos Drummond de Andrade*

No início, o menino tem uma vantagem com relação à menina: ele já está junto do objeto edípico de desejo definitivo, a mãe. O seu problema não será o de construir a sua relação de desejo ao lado da mãe - ou seja, constituir seu Édipo - mas sim destruí-lo. Segundo Freud (1924), o complexo de Édipo é dissolvido por não haver possibilidade de se concretizar no plano interno. Acaba porque algo o impede de continuar: a presença do pai, requisitando e sendo requisitado pela mãe e ferindo a onipotência infantil do garoto que, até então, se concebe como objeto de plena satisfação daquela. Freud frisa ainda a violência desse processo no menino. É mais do que uma repressão e, se for levado a cabo, ocorrerá uma destruição do complexo.

Conrad Stein (apud Mezan, 1995), alterando a noção de Complexo de Édipo freudiana, aponta que o verdadeiro terror, não é da figura paterna castradora, mas o da mãe devoradora. É a figura da mãe Gaia personificada que, com todo o seu poder de sedução, convida o indivíduo à dissolução de si, na volta ao útero materno, em uma fusão absoluta que resulta na morte simbólica. O incesto não significa, para Stein, a união genital entre pai e filho, mas sim, a liquefação de si na união com a mãe.

Essa união seria mortal; assim, a regressão que tende em direção à morte psíquica pode ser considerada correlativa do movimento que visaria à realização do incesto. Se esse objetivo é por um lado o conteúdo de um desejo – o desejo do incesto – é, por outro, conotado de horror – o horror do incesto. (Mezan, 1995, p. 117)

Mais do que desejo de união à mãe, esse desejo incestuoso busca a realização da onipotência, que eliminaria qualquer desejo, levando-o à morte. É a Grande Mãe, com sua força sedutora que oferece, pela onipotência, a realização de qualquer desejo. É o desejo em sua forma absoluta que se torna algo terrível.

Na medida em que cada cena de seduç3o d3 uma imagem ao desejo de ser seduzido, o n6cleo de onde emanam todos os desejos 3 chamado “fantasma do inconsciente”; dele procedem por deslocamento, transposiç3o, condensaç3o e combinaç3o de todas as cenas suscet6veis de represent3-lo de forma disfarçada. (*Ibid.*, 1995, p. 116-7)

Se 3 com viol6ncia que o menino destr6i seu desejo pela m3e e se afasta do *perigo*, 3 com igual viol6ncia que ela se agarra a seu filho, e isso vai acontecer de forma tanto mais enf3tica quanto maior for seu vazio interno. Segundo Olivier (1986,p.53), “para a m3e a maternidade 3 o momento prop6cio para acreditar no velho sonho de toda a humanidade, a bissexualidade”, pois “essa crianç3 emanada dela 3 do outro sexo”. 3 a oportunidade de se sentir completa afinal, e a mulher n3o vai abrir m3o desta satisfaç3o facilmente. Mas n3o por mero capricho: por necessidade. Esse filho representa o pai que lhe faltou e o parceiro que lhe *fugiu, escapou*. Representa, enfim, o desejo que lhe faltou na inf3ncia e que ela buscou por toda a vida, que agora lhe d3 identidade (sexual) e a ilus3o de completude.

Nessa situaç3o, Olivier (1986, p. 55) aponta dois caminhos para esse menino: se revoltar agressivamente contra esse desejo da m3e, por conseguinte contra tudo – e especialmente contra todas as figuras representativas do feminino - ou se anular e se tornar uma crianç3 amorfa, sem desejo, posto que o desejo da m3e 3 imperativo em sua vida.

Neste 6ltimo caso, o filho pode simplesmente n3o chegar a nascer como sujeito: afora o suposto desejo pela m3e, n3o lhe 3 permitido desejar, escolher, viver qualquer coisa que n3o passe pelo crivo do desejo da m3e, sujeito 6nico dessa relaç3o. Ele, tomando o lugar do pai e marido dessa mulher – lugar de *seu homem* – torna-se mero objeto de satisfaç3o materna e de manutenç3o de sua identidade (de m3e). N3o nasce como sujeito, pois tal nascimento faria a m3e se confrontar com o filho real - que tem desejos pr6prios e eventualmente pode lhe abandonar (como seu pai ou seu marido) - e apagar de sua vida o filho imagin3rio, ideal, que lhe completa e faz parte dela num eterno estado uterino.

### *As M3es-Gaia*

3 em funç3o desta construç3o identit3ria problem3tica que surgem aquelas que chamaremos de m3es-Gaia: m3es que deliberadamente afastam o pai da relaç3o familiar com o filho *matam* ou *castram* o pai, de forma que elas podem reinar sozinhas no para6so ed6pico criado por elas. Para6so do qual elas precisam para preencher o vazio de identidade feminina que existe em si.

Aqui, nos remetemos ao mito grego de Gaia e tamb3m de R3ia, pela proximidade entre elas. Na Mitologia Grega, Gaia (tamb3m conhecida como G3ia ou G4) 3 a personificaç3o da Terra com deusa. Uma das primeiras divindades nasceu imediatamente depois do Caos primordial. Sem intervenç3o masculina gerou Urano (C3u), as Montanhas e o Ponto (Mar). Unindo-se a Urano, gerou n3o apenas simples pot6ncias elementares, mas os deuses propriamente ditos (Brand3o, 1997).

Réia (Rea) é uma das Titânides, filha de Urano e Gaia. Em muitas interpretações do mito, ela é confundida com Cibele, Ops ou com a própria Gaia, por simbolizar “a energia escondida no seio da Terra” (*Ibid.*, p.201). Por ser filha de Urano e Gaia, é, por conseguinte, a própria Terra, pois é considerada “a fonte primordial ctônea de toda fecundidade” (*Op. Cit.*).

Seus mitos se confundem, pois personificam a Grande Mãe, fonte de toda criação. É por isso que vamos considerá-la como uma só, personificando um arquétipo materno.

Urano odiava os filhos que tivera com Gaia e não lhes permitia ver a luz, obrigando-os a se manterem no Tártaro, nas profundezas da Terra.

Quando a mãe de todos finalmente se cansou de Urano, urdiu um plano para libertar os filhos e ao mesmo tempo se livrar do incômodo vigor do marido. Criou em suas entranhas o ferro mais resistente, fez uma afiada foice e pediu ajuda aos filhos. Somente Crono, o mais novo, de ‘pensamentos tortuosos’, que odiava o pai e não o temia, concordou em ajudá-la.

Armado da foice (...) decepou com um só golpe os genitais do pai e lançou-os no mar. Libertou, a seguir, todos os irmãos presos no interior da Terra. (Ribeiro, 2001)

Depois da mutilação de Urano, Gaia se une a outro dos filhos que teve primeiramente, o Ponto. Crono passa a ocupar o lugar do pai, residindo no céu e se tornando o novo rei dos deuses. Une-se a Réia e gera os primeiros deuses olímpicos.

Rapidamente mostrou-se um tirano tão terrível quanto o pai, encarcerando seus irmãos novamente no Tártaro e devorando seus filhos logo que nasciam, na tentativa de evitar ser destronado por um deles, como fez com seu pai - o que leva Gaia a preparar uma nova revolução. Réia, então grávida de Zeus, procura ajuda de Urano e Gaia para salvar seu filho, e eles lhe ensinam como enganar Crono:

. . .para isso, Geia tinha-o dissimulado no momento do nascimento e escondera-o numa caverna profunda. No lugar da criança, deu a Crono uma pedra envolta em panos, que o deus devorou. (Grimal, p. 182).

Assim Gaia salva outro filho que irá destronar o pai numa guerra, aliado aos Titãs, mas descontente pelo fato de Zeus ter derrotado os Hecatonquiros, seus filhos, ela acaba por gerar monstros que irão declarar guerra aos deuses.

Segundo Campbell (1990), a deusa, a Grande-Mãe, a Mãe-Terra está intimamente associada às sociedades agrárias. A terra gera plantas, assim como a mulher, filhos. A magia da terra é a mesma da mãe. O mito da Grande-Mãe trata da fonte da própria vida, do mistério sexual, do mistério da geração da vida.

Ela é espaço e tempo, e o mistério para além de todos os pares de opostos. Assim, não é masculina nem feminina. Nem é, nem deixa de ser. Mas tudo está dentro dela, de modo que os deuses são seus filhos. Tudo quanto você vê, tudo aquilo em que possa pensar, é produto da Deusa. (Campbell, 1990, p. 177)

Gaia, como Grande-M6e, ataca todos que se oponham a seus filhos, portanto, 6s suas cria76es, 6quilo que simboliza sua fecundidade, sua maternidade. Se seus filhos n6o ficam a salvo e n6o desenvolvem suas potencialidades. Sua procria76o 6 in6til e sua maternidade torna-se infecunda e sem sentido.

Para salvar seus filhos, Gaia induz um deles ao parric6dio, o que aponta para uma semelhan7a ao mito de 6dipo. Mas h6 uma diferen7a fundamental: Gaia, ao contr6rio de Jocasta, 6 consciente do parric6dio. Consciente e c6mplice. Ela n6o 6 v6tima da trag6dia, mas criadora fundamental dela. 6 a m6e que mata o pai, pela m6o do filho. Se por um lado ela faz isso para libertar ou salvar sua cria76o, ela tamb6m o faz para possu6-los e control6-los. Para usufruir deles, enfim.

Gaia n6o 6 passiva. Ela seduz deliberadamente seus filhos. Para manter-se como criadora, Gaia precisa manipular seus filhos e, oferecendo-lhes o almejado lugar do pai, entrega-lhes de fato o lugar de objeto realizador de seus desejos e necessidades. *6 para ser plenamente m6e que ela mata o pai.*

6 nos fantasmas origin6rios (Laplanche & Pontalis, 1993), que se busca uma narrativa m6tica e universal, por detr6s dos conte6dos particulares de uma exist6ncia singular. A subjetividade, portanto, n6o se vincula ao vivido, mas a uma estrutura de uma aus6ncia que 6 por si, irrepresent6vel. A cena prim6ria 6 a origem do fantasma, uma arqueologia fant6stica, que se forma pela fantasia. Assim como os mitos, as fantasias origin6rias reportam 6s origens, proporcionando uma poss6vel representa76o e aos enigmas que as crian7as buscam solucionar.

O infantil 6 criado, com o conceito de recalque origin6rio, num tempo primordial e, como tal, seria o registro do mito. “Como mito e como origem, o infantil seria a condi76o de o sujeito construir uma hist6ria, forjando pela fic76o uma narrativa cadenciada de seus prim6rdios”(Birman, 2000, p. 33).

6 essa rela76o m6e-filho que se pretende ilustrar aqui: uma rela76o em que a m6e afasta o pai e qualquer outro que a impe7a de ter usufruto pleno de seu rebento. Uma m6e que coloca o filho no lugar do pai e, por isso mesmo, impede que ele surja como sujeito. Seu filho 6 mero objeto de sua satisfa76o, que mant6m sua identidade materna e, portanto, a mant6m como mulher plena, inteira, n6o mais esvaziada de identidade como antes.

Esse filho passa a ser tratado como raz6o 6nica da vida de sua m6e, por quem ela faz *sacrif6cios* e dos quais ele pr6prio 6 a recompensa. “Filho-sal6rio”, como se refere a ele Olivier (1986, p.158), tem a responsabilidade de carregar sobre suas costas a felicidade *plena* dele e, por extens6o, da m6e. Tem a responsabilidade de ser tudo o que a m6e deseja, e de n6o desejar nada mais.

Mas essa situa76o n6o 6 de sofrimento para nenhum dos dois, a princ6pio. Se por um lado, o filho preenche o vazio da m6e, encarnando seu *falo*, por outro ele 6 pleno de desejo e n6o encontra rival nenhum em seu para6so ed6pico. Ele vive, na verdade, a confort6vel situa76o de n6o ter que tomar decis6es e de ter acesso irrestrito ao seu objeto de amor, a m6e. Ademais, ele personifica a onipot6ncia, pois, nesta rela76o, *ele 6, de fato, considerado tudo de que a m6e precisa*. 6 um estado de pretens6o equil6brio e satisfa76o. Mas essa situa76o gera uma tens6o crescente com o passar do tempo, pois

esse sujeito não nascido pode a qualquer momento querer ou precisar nascer em função das circunstâncias.

É no momento que essa tensão se torna insuportável que a mãe busca ajuda na psicoterapia, desejando de volta, o seu paraíso.

### ***Um caso especial e seus desdobramentos***

Foi nestas circunstâncias que M., 39 anos, trouxe seu filho F., nove anos, para a terapia. M. teve seu primeiro filho com 14 anos. Casou-se e separou-se no dia seguinte. Seus pais encarregaram-se de criar o menino para que ela terminasse os estudos. Aparentemente eles eram muito rígidos com ela, pois a mesma relata que quase não saía de casa neste período e que os pais a levavam e buscavam da escola.

Conhece P., com quem se casa. Começa a trabalhar com P. e, depois de muitos anos, engravida novamente. Desde o início da gravidez M. deixa bem claro que este filho “Como mito e como origem, o infantil seria a condição do sujeito construir uma história, forjando pela ficção uma narrativa cadenciada de seus primórdios”(Birman, 2000, p. 33) é dela (sic.), que “ninguém os separaria”(sic.) e que ele seria prioridade em sua vida.

A gestação foi complicada, e os médicos alertaram M. que o parto era arriscado e provavelmente um dos dois – ela ou o filho – não sobreviveria. M. relata que se “agarrou a sua fé” (sic.), e seguiu com a gravidez.

Pouco antes de F. nascer o pai de M., a quem ela se diz muito apegada, morre. A partir do nascimento de F., M. resolve se dedicar à sua educação, e poucos anos depois, P. a deixa para viver com outra mulher e constitui nova família.

M. passa a morar sozinha com o filho, na cidade onde mora a mãe dela. Não tem trabalho fixo, comanda uma educação controladora do filho e tenta afastar P. da convivência de F. É no momento em que o pai passa a exigir mais contato com o filho, que M. procura a terapia, três anos depois da separação.

Relata como sintomas, o fato de F. não ter muito contato com crianças, ter queda de rendimento escolar, gostar de temas agressivos e ter muita energia. Diz também que gostaria que fosse trabalhada com ele a separação dos pais e que o ajudasse a entender que o “pai não presta”, que “as coisas não são assim”(sic.). Pede que eu lhe mostre, enfim, o quanto ela se sacrifica por ele.

Esse filho mais novo toma para ela uma dimensão e peso imenso: ele vinha redimi-la da falta ao primeiro filho, substituía o pai que havia morrido e o marido que lhe havia deixado. Ele passa rapidamente a ocupar toda a vida de M. Incessantemente ela repete o quanto o ama e como adora ser mãe.

No psicodiagnóstico, um dos desenhos que F. faz, chama muita atenção: ele desenha o símbolo do Taoísmo, o yin e o yang. Esse símbolo representa, segundo a doutrina taoista, o “equilíbrio da natureza, da força, da mente e do físico” (2005). Representa ele e a mãe, numa só unidade, num estado de equilíbrio de energia. Mas esse

equil6brio vem denunciar a falta de tens6o, uma esp6cie de nirvana. Em 6ltima an6lise, vem representar a morte e, para que exista *rela76o* 6 preciso que haja desequil6brios, diferen7as. Afora isso, o que ocorre 6 a anula76o do sujeito, pois sendo toda a vida de sua m6e, ele se torna TODO A VIDA de sua m6e, n6o havendo espa7o para a manifesta76o de seu desejo. Esse filho nada pode al6m do desejo da m6e. De certa forma, a previs6o dos m6dicos se confirma: F. morre, psiquicamente.

Quando come7amos a terapia, ficou decidido que al6m das sess6es de ludoterapia haveria tamb6m periodicamente um encontro entre a terapeuta, M. e F., justamente para que ali se pudesse falar dessa rela76o simbi6tica.

M. mostra-se sempre interessada e controladora. Neste ponto que mora a armadilha da M6e-Gaia: ela se traveste de m6e perfeita, que n6o falha – nem pode falhar -, para ocupar toda a vida do filho e us6-lo de forma a obter identidade, reconhecimento e satisfa76o. Pode ser muito querida na escola, ou por outros que cuidam de seu filho. Torna-se dif6cil desconstruir um discurso fechado de boa m6e que se sacrifica pelo seu filho.

Em sua outra face, podemos considerar que essa Grande-M6e assume a forma de uma ogra que devora e mata todos os desejos. De sua onipot6ncia, liquida o sujeito que n6o mais escapa. Fascina e ao mesmo tempo causa horror. Esses fantasmas nos colocam em condi76o de uma passividade absoluta. 6 o verdadeiro trauma que nos submete a um desamparo total. Parar Ferenczi (1934) o estado de passividade absoluta anula qualquer atividade ps6quica.

A figura da m6e ogra torna-se um personagem universal em suas duas faces: a m6e que nos d6 a vida, a m6e santa e a que nos tira: a m6e bruxa. A bruxa, por seu lado, protege a figura materna. “M6e-Eva-Salom6-Monstro-f6mea 6vida de amor como a Esfinge que a sedutora perversa encarna nas origens da vida ps6quica, introduzindo o seio entre o leite e o beb6 e despertando sua voracidade” (Bacha, 2002, p. 95).

Desde o in6cio do processo terap6utico, sinais de indiferencia76o entre os dois est6o sempre presentes: a m6e se refere aos compromissos de F. como “nossos” – dela e do filho -, responde a perguntas direcionadas a ele, ocupa com sua bolsa a cadeira destinada a ele na sess6o, etc. Neste caso o simbolismo da bolsa 6 algo a chamar a aten76o: a bolsa, al6m de ser este objeto que se carrega aonde se vai, 6 um s6mbolo claro do 6tero, da bolsa uterina.

Para Pacheco e Silva Filho (1988) a figura da mulher (m6e) idealizada, aumentaria a fantasia inconsciente de retorno ao 6tero. Dessa forma, a m6e torna-se uma figura aterrizadora e persecut6ria, como a Hidra, “o anjo exterminador”, a esfinge e a serpente.

Ainda segundo este autor (1988), essas fantasias est6o presentes em muitas brincadeiras infantis, nas obras de muitos artistas e nos mitos e lendas, assim como em quadros cl6nicos, principalmente de psic6ticos. Frente a perigos eminentes, assim como alguns esquizofr6nicos, as pessoas assumem essa posi76o fetal para se proteger.

A busca da fus6o prim6ria seria um processo regressivo, um processo onde se nega a diferencia76o de si, do outro e das polaridades, numa tentativa de eludir a separa76o; seria uma n6o-rela76o e um n6o reconhecimento de si e do outro como pessoa diferenciada. A busca do outro seria a um processo evolutivo, um processo de descoberta

do objeto e de si mesmo como pessoas totais e não como metades um do outro. Esta união não seria a busca da similaridade, mas da diferença. (...) cada um é um; (um) precisa do outro e se integra no outro. (Fagundes, 1993, p. 103)

Mãe e filho referem-se à terapeuta como tia ou professora, o que sinaliza o irreconhecimento desta como uma pessoa, da mesma forma que a mãe não reconhece F. como sujeito. Embora alertados bem no início para a inconveniência deste tratamento à terapeuta, a mãe demorou a abandoná-lo. Trocava com frequência o nome da terapeuta e F. levou quase um ano até que pudesse, involuntariamente, chamá-la pelo nome.

É nesse ponto que a terapia de F. chega ao final: ele consegue enxergar um outro, afinal, e já tem as chaves para seu surgimento como sujeito, se a mãe permitir. Por isso, ela foi encaminhada – com insistência – para uma psicoterapia, para que ela possa ressignificar sua identidade e não mais pautá-la na posse de um filho-falo que supostamente a complete e preenche sua vida.

Cair na sedução da mãe Gaia significa ser devorado por ela. Se a criança não conseguir separar-se da mãe, permanecerá nessa relação simbiótica que é a própria morte simbólica. Tornar-se um ser separado, provoca medo e desamparo a princípio, mas também a possibilidade de ingressar em um mundo simbólico e tornar-se outro.

Viver esta renúncia, assumir este desgosto, conservar esta nostalgia, levar à música, à poesia, à pintura, tudo em que se possa ainda captar um pouco de fantasia para fixá-la eternamente. (Olivier, 1986, p. 112)

## **Conclusão**

Este artigo teve como finalidade apontar para uma relação específica entre mãe e filho, criada a partir da cultura, das relações sociais e das representações pessoais das experiências vividas por cada um. É só uma entre tantas, mas chama-nos a atenção o fato de que esta relação é alimentada pelo discurso social das relações com as mulheres e talvez mesmo pela Psicologia – basta ver o número de publicações (periódicas ou não) que são destinadas a orientar mães na educação de seus filhos. Ensinam formas de não falhar como mãe, como profissional, como mulher. É cobrado que a mulher-mãe seja perfeita e é nessa direção que as Mães-Gaia apontam: elas têm total controle dos filhos e, portanto *dá-lhes uma boa educação* – na medida em que anulam suas identidades psíquicas, suas subjetividades. O que pode advir daí são filhos despreparados para escolhas, imaturos, ligados radicalmente à mãe.

Outra especulação possível é deduzir que este tipo de relação se dê exclusiva ou majoritariamente entre os meninos e suas mães, mas, embora o senso comum indique para esta conclusão com facilidade, é preciso constatar isso na prática clínica e estudar mais a fundo suas causas e desdobramentos.

Por fim, é necessário estarmos atentos como psicólogos para o efeito que nossas falas vêm causando nas relações pessoais e, especialmente nesta à qual nos referimos, uma vez que ela é considerada fundante de todas as outras. É bem possível que o

discurso e a prática psicológica venham criando os fantasmas que se propõem a exorcizar.

Corcovia, P. A. e Radino, G. (2008). The offspring of Gaia and the Oedipal Paradise. *Revista de Psicologia da Unesp*, 7(1), 42-54.

**ABSTRACT:** *Through the Greek myths of Gaia and Rhea, and having a clinical case as a practical example, we want to investigate in this article that specific offspring/mother relation in which the offspring, being his mother's whole life, becomes himself his mother's life. He not even comes to light as a being that owns his own life. Seduced, elected by his mother as the only reason of her living, it is he himself who quits having a life. This relation inevitably let marks on both's life, and its consequences often come to psychological clinics disguised in the quest of insecure mothers who seek to (over)protect his offspring in psychotherapy, oppressed by the pressure – internal and external to them – in order to be perfect mothers and complete women.*

**Key Words:** *Psychoanalysis; Oedipus complex; Mythology; Seduction.*

### **Referências**

Andrade, C. D. (1987). *Corpo*. Rio de Janeiro: Editora Record.

Bacha, M. N. (2002). *A Arte de Formar. O feminino, o infantil e o epistemológico*. Rio de Janeiro: Vozes.

Birman, J. (1997). *Estilo e Modernidade em Psicanálise*. São Paulo: Editora 34.

Brandão, J. S. (1997). *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes.

Brenner, C. (1975). *Noções básicas de psicanálise-Introdução à Psicologia Psicanalítica*. A. M. Spira (trad). Rio de Janeiro: Imago Editora; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Campbell, J. (1990). *O Poder do Mito*. B. S. Flowers (org.). C. F. Moisés (trad). São Paulo: Palas Athena.

Commelin, P. (2000). *Mitologia Grega e Romana*. E. Brandão (trad). São Paulo: Martins Fontes.

- Eliade, M. (1996). *Imagens e Símbolos - Ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. S. C. Tamer. São Paulo: Martins Fontes.
- Fagundes, J. O. Ilusão de Fusão e Narcisismo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 3 (V. 27).
- Faria, E. L. (1999). Gaia. Acessado em: 10/11/2004. <http://www.nomismatike.hpg.ig.com.br/mitologia/gaia.html>.
- Ferenczi, S. (1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In *Obras Completas*. (A. Cabral trad., pp. 97-108). São Paulo: Martins Fontes.
- Freud, S. La Disolucion del Complejo de Edipo. In *Obras Completas*. (L. Lopez-Ballesteros trad., Vol. 3, 3a ed, pp. 2748-2751). Madri: Biblioteca Nueva.
- Freud, S. Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia sexual anatômica. In *Obras Completas*. (L. Lopez-Ballesteros trad., Vol. 3, 3a ed, pp. 2748-2751). Madri: Biblioteca Nueva.
- Grimal, P. (1993). *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. V. Jabouille (trad). Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil.
- Kury, M. G. (1992). *Dicionário de Mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Laplanche, J. (1992). Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada. In *Novos Fundamentos para a Psicanálise*. (C. Berliner trad). São Paulo.
- Laplanche, J. (1993). *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. Á. Cabral (trad). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lobo, L. A gênese da Representação Feminina na Literatura Ocidental: Bíblia, Cabala, Idade Média. Acessado em 12/02/1999. <http://w3.openlink.com.br/niel/lobogenese.htm>.
- Olivier, C. (1986). *Os filhos de Jocasta – A marca da mãe*. N. L. de Resende (trad). Porto Alegre: L&PM.
- Mezan, R. (1995). Três Concepções do Originário: Stein, Le Guen, Laplanche, In *Figuras da Teoria Psicanalítica* (pp. 109-152). São Paulo: Escuta & Edusp.
- Pommier, G. (1987). *A exceção feminina – os impasses do gozo*. D. M. P. D. Estrada (trad). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Ribeiro, W. A. (2001). O titã Crono. In *Grécia Antiga*. Acessado em: 10/11/2004. <http://warj.med.br/mit/mit03a.asp>.

- Roudinesco, E. (2003). *A fam6lia em desordem*. A. Telles (trad). S6o Paulo: Jorge Zahar Editor.
- Santos, M. S. M. S. (1999). O eleito e o seduzido. Acessado em 12/06/1999. <http://www.artpage.com.br/marise/medusa2html>
- Silva filho, A.C.P. (1995). A fantasia inconsciente de retorno ao 6tero – Sua import6ncia no cotidiano, nos mitos, nas poesias e na situa76o anal6tica. *Revista Brasileira de Psican6lise*, 19(4). 825-842. S6o Paulo.
- Stein, C. (1998). *As Er6neas de uma m6e – Ensaio sobre o 6dio*. N. Silva Jr. (trad). S6o Paulo: Escuta.